

COMO O ENSINO DE FILOSOFIA E DE LITERATURA PODEM CONTRIBUIR PARA OLHAR E RUMINAR A REALIDADE: UMA BREVE REFLEXÃO

*HOW THE TEACHING OF PHILOSOPHY AND LITERATURE CAN CONTRIBUTE TO
LOOKING AT AND RUMINATING REALITY: A BRIEF REFLECTION*

*CÓMO LA ENSEÑANZA DE LA FILOSOFÍA Y LA LITERATURA PUEDE CONTRIBUIR A
MIRAR Y REFLEXIONAR SOBRE LA REALIDAD: UNA BREVE REFLEXIÓN*

Danúzia Fernandes Brandão

E-mail: bibliotecandorelendumundo@gmail.com

Handreane Lopes de Faria

E-mail: handreanelopes@gmail.com

Acir Mário Karwoski

E-mail: acir.karwoski@uftm.edu.br

Lúcio Marques

E-mail: lucio.marques@uftm.edu.br

Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM)

RESUMO

Este ensaio visa uma breve reflexão sobre a prática do ensino de filosofia e literatura, bem como a procura por transformações no exercício de ensinar. Questionamos o espaço escolar no ensinar e aprender dos letramentos e pensamentos autônomos, em relação às demandas inerentes aos diferentes contextos. Realizamos sucinta revisão bibliográfica sobre a interação das disciplinas de filosofia e literatura, e a equidade. Para fundamentar os estudos filosóficos, culturais e os letramentos literários, usamos Freire (1999, 2013, 2021), Nietzsche (1999), Petit (2013, 2019), entre outros, o que pressupõe uma mudança a partir do pensar sobre as práticas de ensino realmente vivenciadas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ensino de filosofia e literatura; Letramentos.

ABSTRACT

This essay aims at a brief reflection on the practice of teaching philosophy and literature, as well as the search for transformations in the exercise of teaching. We question the school space in the teaching and learning of literacies and autonomous thoughts, in relation to the demands inherent to different contexts. We carried out a brief bibliographic review on the interaction between the disciplines of philosophy and literature, and equity. To support philosophical, cultural studies and literary literacies, we use Freire (1999, 2013, 2021), Nietzsche (1999), Petit (2013, 2019), among others, which presupposes a change from thinking about the practices of teaching actually experienced.

KEYWORDS: Education; Teaching philosophy and literature; literacies.

RESUMEN

Este ensayo tiene como objetivo una breve reflexión sobre la práctica de la enseñanza de la filosofía y la literatura, así como la búsqueda de transformaciones en el ejercicio de la docencia. Cuestionamos el espacio escolar en la

enseñanza y aprendizaje de alfabetizaciones y pensamientos autónomos, en relación a las demandas inherentes a los diferentes contextos. Realizamos una breve revisión bibliográfica sobre la interacción entre las disciplinas de la filosofía y la literatura, y la equidad. Para apoyar los estudios filosóficos, culturales y alfabetizaciones literarias, utilizamos a Freire (1999, 2013, 2021), Nietzsche (1999), Petit (2013, 2019), entre otros, lo que supone un cambio de pensamiento sobre las prácticas de enseñanza realmente experimentadas.

PALABRAS-CLAVE: Educación; Enseñanza de la filosofía y la literatura; alfabetizaciones.

INTRODUÇÃO

O espaço escolar – visto em sua função formativa e de oportunidade social – permite a observação de aspectos que cooperam com significativos elementos para o processo educacional do estudante. Proporcionar espaço para que se estabeleça um fazer emancipatório (FREIRE, 2013), verificando as pluralidades/diversidades (CANDAUI, 2012), bem como o atendimento às demandas do contexto escolar como um ambiente dialógico de educar, é um desafio constantemente vivenciado pelo educador.

Ao longo de nossa trajetória como professores nos deparamos cada vez mais com alunos fazendo as atividades propostas só para constar que as fizeram ou porque são obrigados a fazê-las. Questionamos então: Onde se encontra o brilho nos olhos e a vontade de conhecer? Em que lugar a imaginação que corre solta ao deleite das diferentes leituras propostas? Foi tirada do jovem a capacidade de criar/imaginar/sonhar? Estamos contribuindo para fabricar “robózinhas” ao invés de ajudarmos na formação destes seres pensantes?

Portanto, a questão que nos salta e que podemos colocar é a seguinte: Como superar as formas de ensino tecnicistas, bancárias, autoritárias e desumanizadoras? Ou melhor: Como ensinar filosofia e/ou literatura, nesse caso, sem reduzir o ensino à mera reprodução de “conteúdos”?, e finalmente: Será que temos uma solução para isso?

Nossa proposta visa uma reflexão quanto aos desafios do ato de ensinar, tendo em vista o diálogo entre uma professora de filosofia e uma professora de literatura, que estruturarão essa discussão junto a autores que debatem acerca da compreensão das práticas pedagógicas que visam auxiliar jovens estudantes a serem capazes de desenvolver um pensamento que ao mesmo tempo pode ser autônomo e crítico, sem aceitar tão fácil as ideias do senso comum que andam tão em moda.

Para tanto, é proposta a realização de uma breve revisão bibliográfica que busca nortear apontamentos pertinentes aos questionamentos supramencionados, assim como favorecer uma possível articulação entre as atividades de filosofia e literatura que notadamente são pouco

valorizadas no ambiente escolar, apesar de sua importante função na formação do pensamento crítico, social, político, ético e estético de crianças, jovens e adultos, tão pertinentes a proposição de uma educação que contribui para constituição de uma história de vida em sociedade.

MÉTODOS

A proposta surgiu a partir do estabelecimento de um vínculo pertinente entre nossas pesquisas, nas quais utilizamos alguns dos paradigmas apresentados pela disciplina obrigatória de “Formação de Educadores e Contemporaneidade”, do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE/Mestrado, ministrada pela Profa. Dra. Anelise Martinelli Borges de Oliveira, no qual articulamos os temas presentes em nossos projetos de pesquisa, que consistem, respectivamente, no estudo acerca do método do ensino de filosofia a partir de Nietzsche e a perspectiva da leitura literária na emancipação cidadã por meio da literatura.

A proposta objetiva a observação, discussão e articulação entre autores e autoras que discorrem sobre a educação como práxis democrática e equânime focando no ensino de filosofia e literatura diante de uma realidade experienciada e problematizada. Para o debate referente as temáticas propostas, realizamos uma sucinta revisão bibliográfica argumentando acerca de uma possível interação entre as atividades desenvolvidas nas disciplinas de filosofia e literatura aplicadas junto a jovens e ao pensamento da escola como local de equidade.

A fim de fundamentar o trabalho numa perspectiva de interface da educação com os estudos filosóficos, culturais e os letramentos literários, voltamos nosso olhar, principalmente, para Freire (1999, 2013, 2021ab), Candau (2012), Slonski, Rocha e Maestrelli (2017), Saviani (2005), Nietzsche (1999), Petit (2013, 2019), Pimenta (1999), entre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A utopia ainda existente no ato de ensinar é um trabalho permanente no sentido de tentar perceber e reestruturar as práticas pedagógicas cotidianas. Quando pensamos no verbo ensinar, provavelmente nos vem à cabeça “o que ensinar” (conteúdo) e “como ensinar” (método). A perspectiva da educação como essa prática de ensinar – diante da premissa emancipadora e

crítica – tem se tornado tarefa árdua que demanda maior comprometimento do educador nesse fazer reflexivo e de formação contínua e continuada.

Dimenstein (1999, p.162) descreve a educação como um “dos pilares básicos da democracia. Quanto maior a politização, mais difícil será a vida dos demagogos. Não é apenas uma questão política, mas de reclamar por todos os seus direitos.”. O olhar para a formação do aluno não pode se deixar retroceder ao pensamento do ensino moral e cívico, todavia analisar sobre sua participação ativa na construção de cidadania.

Dessa maneira, vivenciamos a educação numa constante procura por uma reestruturação na transmissão do conhecimento e organização dos significados e saberes, principalmente, em se tratando das práticas de ensino de filosofia e de literatura na escola. Numa visão sistemática do ensino de filosofia e de literatura não seria diferente, e ainda hoje há uma discussão pouco profícua sobre isso, sobretudo diante da homologação da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) em 2017 e implementação do Novo Ensino Médio prevista para o ano de 2022.

Ao observarmos este processo educativo junto a jovens é perceptível a desafiadora situação que é ainda mais complexa ao docente que se vê diante do dilema: cumprir o “conteúdo” listado pelas normativas estabelecidas ou propor o ensino como processo de emancipação cidadã e de protagonismo do aluno em relação à sua própria história de vida.

Cabe-nos então, tentar compreender como é possível o reconhecimento do papel do professor na tão almejada equidade, se se pensado na mercantilização do conhecimento, no crescimento endógeno, bem como na visão da escola como um recorte de oportunidade social.

Por essa perspectiva, a educação pode ser entendida como elemento-chave de oportunidade social, ainda que as escalas de oportunidade sejam muitas vezes, distribuídas desigualmente. Daí a necessidade de lutar por equidade, que constitui um valor fundamental em sociedades justas, um princípio que exige oportunidades equivalentes e devem estar disponíveis a todos (as), independentemente de sua origem social, étnico-racial e/ou cultural. A educação nesse sentido, pode ter como objetivo mais ambicioso o de contribuir para combater as desigualdades. (KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020, p.52)

Nesse sentido, o professor se vê em uma queda de braço com um sistema, que muitas vezes o estimula ao pensamento condicionante de trazer para sua prática elementos que favoreçam a entrada do discente no mercado do trabalho, num imperativo de formar trabalhadores cada vez mais eficazes em um mundo cada vez mais competitivo.

(...) Se essa tendência prosseguir, todos os países logo estarão produzindo gerações de máquinas lucrativas, em vez de produzirem cidadãos íntegros que possam pensar

por si próprios, criticar a tradição e entender o significado dos sofrimentos e das realizações dos outros. É disso que depende o futuro da democracia. (NUSSBAUM, 2015, p. 4)

Há de complementar esse pensamento pela perspectiva apresentada por Slonski, Rocha e Maestrelli (2017), que discorrem sobre a racionalidade técnica como um fator que por vezes desapropria o educador de sua prática docente; desestabiliza o trabalho; proporciona dicotomia entre a teoria e a prática e em vários casos propõe a desumanização do professor e aluno. Entre os aspectos apresentados pelos autores destacamos: a dicotomia e consumo dos insumos teóricos acadêmicos que por vezes são utilizados para a metodologia e prática em sala de aula sem pensar no “fazer-com” os educandos (FREIRE, 2013); a ausência da produção e dependência do conhecimento trazidos para mecanização do conteudismo na prática docente e, por fim, a falta de autonomia do professor sobre sua prática (SLONSKI; ROCHA; MAESTRELLI, 2017).

Convém entender que a articulação e a parceria entre professores destas disciplinas, filosofia e literatura, colaborariam significativamente para que o discernimento de mundo e a reflexão diária dos acontecimentos, tornem-se propostas além de um movimento conceitual, mas que possam contribuir diretamente para a educação nesse compromisso/processo de humanização (FREIRE, 2021b).

Além dessa percepção, compete ao docente uma profunda meditação quanto a quantidade de informação e a velocidade com que ela se altera e reconfigura através dos meios tecnológicos. Toda a infusão dos meios de comunicação social tem contribuído para delimitar o pensamento humano a uma máquina de reprodução em série. A parada para um exame geral dessa interferência se torna urgente, pois encontramos discentes envolvidos de toda essa manifestação tecnológica e o momento de reflexionar em sala se torna tão consciente quanto o fato de respirar e escrever, exercícios que apesar de serem constantes passam por diversas vezes despercebidos.

Como base para um diálogo reflexivo, é sabido que as aulas de filosofia e de literatura são instrumentos que colaboram para a formação crítica sobre os contextos socioculturais, históricos, éticos e estéticos acerca desse universo que também é apresentado pela escola.

Ler textos de filosofia e de literatura, ou até mesmo ler textos literários de maneira filosófica, é buscar compreender o desenvolvimento dessa capacidade complexa de estabelecer sentido a partir dos contextos que se compõem ao longo dessa construção de letramento e da

própria vida. Poderíamos dizer que as atividades filosóficas e literárias são trabalhadas na busca do saber criativo, perpassando por todas as disciplinas escolares.

Salientamos que é fundamental perceber que filosofia e literatura colaboram diretamente para que o letramento e a criticidade não se estabeleçam apenas em cada palavra que se completa por uma criação de sentido apenas fonético ou linguístico. A informação recebida precisa se complementar também pelo contexto ou realidade, cuja perspectiva é nova a quem desenvolve sua interpretação. E ainda é essencial atribuir a ela uma comunicação introspectiva da realidade cultural que lhe é apresentada no ato dessa leitura ou pensamento.

Filosofia, assim como literatura, são disciplinas curriculares que se tornaram entediantes ao sabor dos educandos, uma vez que os textos e/ou livros trazidos não são digeridos com os “talheres” da realidade dos que a ingerem. Desse modo, o professor pode se vestir de chefe e apresentar um cardápio com opções variadas que façam do saber do aluno um (re)conhecimento daquilo que lhe é “apresentado”. Neste sentido, filosofia e literatura, deixam de ser vistas como obsoletas e enfadonhas, uma vez que a compreensão do contexto do que é estudado não é algo banalizado, e passa a levá-los de um “nada” a algum lugar.

O que está em jogo é forjar uma atenção, uma arte de viver no cotidiano para escapar à obsessão da avaliação quantitativa. É conseguir a brincadeira, as partilhas poéticas, a curiosidade, o pensamento, a exploração de si e daquilo que nos rodeia. É manter viva uma porção de liberdade, de sonho, de inesperado. (PETIT, 2019, p. 13)

E novamente a questão inicial nos salta e se complementa: Como o sistema escolar pode ser um ambiente no qual o ensino proporcione um espaço de letramentos e pensamentos autônomos (FREIRE, 2021b; KALANTZIS; COPE; PINHEIRO, 2020), dispendo de lugar para a discussão das demandas socioculturais, econômicas e históricas (CANDAU, 2012) apresentadas pelos discentes, utilizando dos diferentes contextos em que se encontram, e ainda proporcione equidade?

Tais apontamentos mostram uma análise duplamente quimérica, pois num primeiro ponto os enfrentamentos existentes na prática docente de letrar e “pensar por si mesmo” (SCHOPENHAUER, 2011), seja através do ensino de literatura seja pelo ensino de filosofia, são pontos que requerem o compromisso do educador (FREIRE, 2021b) em uma constante formação.

No segundo ponto vemos que a tarefa do educar está diretamente envolvida na quebra constante de paradigmas, tabus, preconceitos e os preestabelecidos pensamentos sociopolíticos

e socioculturais, que envolvem a ruptura do pensamento do sistema escolar, do educando e do próprio educador. Compete refletirmos acerca de nossas práticas pedagógicas e o modo como elas incidem na reprodução conteudista, tornando o espaço formativo ainda uma educação bancária (FREIRE, 2013), na qual o foco está ligado apenas às avaliações, internas e externas, influenciando diretamente no material levado pelo professor e repassado aos estudantes.

Vale ressaltar que quando não é criada uma ponte entre o conhecimento e a realidade, quando não é permitida a possibilidade de problematizar a naturalidade de como as ideias são apresentadas, e quando não se consegue colocar em prática o que se sabe, talvez na verdade não haja conhecimento, apenas acúmulo de erudição (SCHOPENHAUER, 2011). Sobra então, uma memória achatada e uma experiência de vida desconexa.

Deste modo, não se pode apresentar a filosofia, conhecida pelo “amor ao conhecimento”, como mero instrumento de erudição (NIETZSCHE, 1999), nem a literatura ser enxergada como uma trivial leitura de palavras em livros literários (FREIRE, 1999; TODOROV, 2020; HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010), mas sobretudo, estabelecer com o aluno a possibilidade de ruminar (NIETZSCHE, 2014) sobre o conhecimento.

Sobretudo, ensinar e aprender precisam estar permeados pelo encantamento da filosofia e a maravilha de fazer parte do processo criador, tal como a percepção fabulosa que é proposta nas instigantes páginas de uma obra literária. Deste modo, o ensino de filosofia e de literatura não podem ser reduzidos a um monte de informações sem uma análise, um estranhamento, um assombro e até mesmo uma inquietação, primeiro por parte do professor.

A ideia do espaço educacional necessita urgentemente observar a educação numa proposta exercitada de humanização, mudança e liberdade (FREIRE, 2013, 2021b) combatendo, através de questionamentos, as opiniões e os “achismos” emitidos como verdades absolutas sem mesmo entender o que existe por trás daquilo que se fala. A leitura, filosófica e/ou literária, nos dá a possibilidade de pensar, no entanto, apenas ela não nos dá a capacidade de elaborar as nossas próprias ideias, é importante a leitura de mundo e a percepção da realidade – a leitura como ajuda e não como um alicerce.

(...) a linguagem não é um simples veículo de informação, um simples instrumento de “comunicação”. Esqueceram que a linguagem diz respeito a construção dos sujeitos falantes que nós somos, à elaboração de nossa relação com o mundo. E que os escritores podem nos ajudar a elaborar nossa relação com o mundo. Não devido a uma infalível grandeza esmagadora, mas ao contrário pelo desnudamento extremo de seus questionamentos, por nos oferecerem textos que tocam no mais profundos da experiência humana. Texto em que se realiza o trabalho de deslocamento sobre a língua, e que nos abre, às vezes, para outros movimentos. (PETIT, 2019, p. 157)

Não se pode deixar que a educação caia na armadilha da mercantilização do conhecimento, que se estabelece enfaticamente como uma manobra de massa, cedendo a perspectiva de uma pedagogia que não observa na liberdade, na dignidade e na democratização do acesso à cultura um futuro que é antes de tudo um direito de todos. Cabe-nos o papel de enxergar que: “Esses sistemas abandonam cada vez mais as modalidades de ensino que permitem formar homens e mulheres dotados das capacidades críticas e empáticas necessárias ao exercício de sua cidadania: a literatura, a história, a filosofia e as artes.” (PETIT, 2019, p. 56-57), e utilizá-las como ato de resistência e luta diária.

As bases reflexivas são, portanto, a própria vida, a realidade, sobre o que é pensado do que está diante de si. “Os eruditos são aqueles que leram coisas nos livros, mas os pensadores, os gênios, os fochos de luz e promotores da espécie humana são aqueles que as leram diretamente no livro do mundo.” (SCHOPENHAUER, 2011, p.20). Não obstante, a experiência não pode substituir o pensamento. Não é somente a experiência que faz progredir o saber humano, mas a vivência, a leitura e o pensamento próprio (SCHOPENHAUER, 2011), reverberado e, portanto, organizado.

Assim, a construção do conhecimento pode ser feita a partir da vivência do educando por meio da apresentação de problemas (filosofia) e temas (literatura). Retornamos então para a observação do papel do professor/educador que necessita estar atento a elementos pertinentes ao “ser” educador, tais como: aquele que educa; que pratica educação; que sabe educar; que é educado para educar e possuidor do domínio dos saberes dessa ação educativa (SAVIANI, 2005).

É importante perceber a ideia de um professor como mediador para a cidadania e não um simples difusor de informações (PIMENTA, 1999). Ou seja, a função do professor é a superação do fracasso e desigualdades escolares, uma vez que, em sua maioria, a escola acaba reproduzindo as desigualdades sociais sem promover a transformação necessária. Assim sendo, podemos pensar no caráter dinâmico da profissão docente como prática social (FREIRE, 2021a), ressaltando uma identidade que será construída a partir da vivência, estudo e experiências adquiridas ao longo das relações culturais, sociais e históricas.

Ser professor é algo em construção a partir da prática social da educação resultado da junção dos saberes empíricos, científicos e pedagógicos conduzindo o professor a uma observação sobre o seu “fazer docente” (PIMENTA, 1999) por meio da realidade em que vive.

O que nos leva a examinar que o saber-fazer docente se dá a partir do processo de formação do professor entrelaçado com o seu próprio fazer, que conduz à ideia de um professor reflexivo, isto é, um profissional que deglute, mastiga, ruma (NIETZSCHE, 2014) sobre seu processo formativo enquanto vive tal processo que é contínuo, daí uma formação crítico reflexiva que vai produzindo uma identidade enquanto professor e ser humano.

Os elementos até aqui apresentados compreendem uma possível resposta ao pensamento inquietante da problemática dessa educação como transformadora no sentido primeiro da equidade, seguido pela igualdade de oportunidades sociais e profissionais aos cidadãos/educandos em processo de formação e, por fim, a quebra/ruptura do sistema hegemônico no qual estamos todos ainda condicionados a viver.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação analisada na premissa de um ambiente democrático, emancipador, igualitário e equânime necessita passar de uma ação quimérica, oportunizando uma efetiva aplicação pedagógica que torne a vivência educacional uma ação humanizadora (FREIRE, 2013, 2021). “(...) por uma educação, que por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição”. (FREIRE, 2021b, p. 80). A escolarização é uma parte importante do processo chamado vida e, portanto, não pode ser dele desvinculado.

É importante que a escola não indique apenas caminhos tecnicistas, numa constante mercantilização do conhecimento. Mas, sobretudo, que vise enlaçar componentes imprescindíveis na vivência pedagógica como mediadora do aprendizado social, cultural e político, sendo ponto de partida e de chegada desse processo formativo.

Quando partimos do pressuposto que o aluno traz um conhecimento, seja ele de sua cultura, de sua realidade, não significa que o professor perde sua função. O professor passa a ser de extrema importância como um/a orientador/a, como mentor/a, como mediador/a para que esse conhecimento/saber se transforme em reflexão, e, portanto, se faça ainda mais conhecimento/saber.

O professor não faz pelo aluno, mas ajuda-o no caminho. Enquanto educador, o professor já não traz conhecimento, ele mediatiza, ajuda, auxilia os educandos a alcançarem-no por conta própria. Ou seja, esse educador não é o inimigo que despeja obrigações e afazeres ao aluno, mas aquele que o auxilia no encontro do significado.

A partir da problematização apresentada, em termos de método de ensino de filosofia e literatura, é imprescindível que ao educando seja possibilitado o espaço de questionar a realidade, tirando-a do costumeiro e da acomodação de respostas prontas, perpassando por momentos reflexivos e deslocando-a de uma visão padronizada.

Isto é, problematizar a partir de um tema considerado usual e até mesmo natural ou a partir da sua própria realidade, fazendo questionamentos a partir também dessa naturalização, como por exemplo: Sempre foi assim?; É natural que seja dessa forma e não de outra maneira?; Tem como mudar essa realidade que se mostra como dada?; etc. A realidade já foi naturalizada como verdadeira, portanto, refletir sobre a realidade que se vive é mudar o foco, é questionar o que está dado.

A construção do conhecimento que é feita a partir da vivência do estudante por meio de problemas, e mediadas pelo professor crítico, tende a construir um ambiente propício ao letramento filosófico, por meio das ferramentas próprias do “fazer” filosofia. E em se tratando do ensino de literatura, a leitura literária necessita quebrar os paradigmas do arcaico e colaborar para que o senso crítico seja percebido através da interlocução dos contextos apresentados pelo educador, que ali se estabelece também como um mediador de leitura.

É importante entender que o jovem não conseguirá se apropriar das informações apresentadas se estas forem indiferentes a ele, distantes e se não tiverem o menor significado para o seu cotidiano. Quando partimos de interações acerca das problemáticas trazidas pelos participantes, podemos pensar dentro do que é pertinente a este sujeito/ser, colaborando para o “fazer-com” o educando (FREIRE, 1999, 2013) nesse importante movimento de troca, que é fundamental ao ato de ensinar e aprender.

Sem contar que ao utilizarmos o diálogo das problematizações, as informações e saberes são absorvidos pelos educados de forma mais fácil e com uma efetiva relevância. Quando o educando percebe que é capaz de pensar e que existem diversas formas de conhecer a realidade, ele se dá conta do encantamento literário e do amor ao saber como atividade real e possível.

Frente aos desafios que ainda são postos como paradigmas se encontra o professor que compreende um universo de informações, no qual ainda há pouco conhecimento realmente estabelecido em seu fazer cotidiano. O processo de ensinar é similar ao processo do guerreiro, pois ensinar é lutar diariamente com inimigos invisíveis como o preconceito, a desigualdade, a dominação, a perda de direitos, o acesso ao mais fácil, o “já pronto” e vários outros adversários que nos convocam ao front.

E por isso é interessante que o pensamento esteja focado na ação de ensinar a pensar de forma crítica, mas também de forma amorosa/solidária (FREIRE, 2021b). O aprender está vinculado ao sentir, ao fazer sentido. Podemos dizer que há aprendizado quando conseguimos entender o que estudamos e não apenas sabê-los. Dessa forma, aprendemos quando aquilo faz sentido para nossa vida, ou seja, quando passa pelos sentidos, pelo próprio existir, pela realidade vivida e experimentada.

Há ainda a grande ilusão de que a escola mudará como instituição, porém o que na realidade podemos mudar é a nossa forma de ensinar. Aprender a ler a realidade pode ser a chave para a porta da grande mudança. A mudança começa em pensar no que podemos fazer, e não no que a cultura escolar me obriga ou me impõe a fazer.

Aprender a olhar a realidade é olhar diferenciadamente. É aprender a ver em qual lugar a filosofia e a literatura estão. Não problematizamos inquietações no sentido de obter respostas como a “pedra filosofal” que nos dará todas as certezas. O que nos propusemos foi problematizar e mostrar através desse diálogo entre autores e autoras, uma alternativa de se trazer para a prática o que é teorizado nesse constante exercício, que é aprender fazendo a tão belíssima arte de educar.

REFERÊNCIAS

CANDAU, Vera Maria Ferrão. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Revista Educação & Sociedade**: Campinas, v. 33, n. 118, p. 235- 250, jan. - mar. 2012.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo, Moderna, 1998.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel** – A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil. São Paulo, Ática, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 37. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021b.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. **Sociologia da leitura**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill e PINHEIRO, Petrilson. **Letramentos**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. Considerações extemporâneas. *In: Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999, p. 273-288.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2014.

NUSSBAUM, Martha C. **Sem fins lucrativos**: por que a democracia precisa das humanidades.; tradução Fernando Santos. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2015.

PETIT, Michèle. **Leituras**: do espaço íntimo ao espaço público. São Paulo: Editora 34, 2013.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**. São Paulo: Editora 34, 2019.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In: PIMENTA Selma Garrido (Org.). Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.

SAVIANI, Dermeval. **Formação do educador**: dever do estado, tarefa da universidade. Organização: Maria Aparecida Viggiani Bicudo, Celestino Alves da Silva Júnior. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996.

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Trad. P. Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2011.

SLONSKI, Gladis Teresinha; ROCHA, André Luis Franco; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. A racionalidade técnica na ação pedagógica do professor. XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – **XI ENPEC Universidade Federal de Santa Catarina**, Florianópolis, SC – 3 a 6 de julho de 2017.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. 12. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2020.